

pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

podemos explorar o que ainda não existe?
quem conhece a si mesmo é iluminado
infinitamente próximo
limites saudáveis – uma história atemporal
sete vales
mantao II
a redescoberta da gnosis IV



2015

NÚMERO 4

Edição

Rozekruis Pers

Redação Final

Peter Huijs

Redação

Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Hans Peter Knevel, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Gerreke Uljée, Lex van den Brul

Diagramação

Studio Ivar Hamelink

Secretaria

Kees Bode, Gerreke Uljée

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Publicação digital

Acesso gratuito

Responsável pela Edição Brasileira

Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão

Adriana Ponte, Emanuel Saraiva, Leonel Oliveira, Rossana Cilento, Amana da Matta, Helena Schaffne, José de Jesus, Marcia Moraes, Mariana Cunha, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Rafael Albert, Sérgio Oliveira, Adèle Abdalla, Ellika Trindade, Fernando Leite, João Batista Ponte, Lino Meyer, Luis Alfredo Pinheiro, Marcílio Mendonça, Simone Oliveira e Urs Schmid

Diagramação, capa e interior

Nina Ribeiro

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & fax: (11) 3208-8682
www.rosacruzarea.org.br
info@rosacruzarea.org.br

Sede em Portugal

Praça Anónio Sardinha, 3A (Penha de França)
1170-022 Lisboa
lisboa@rosacruzarea.org
portugal@rosacruzarea.org

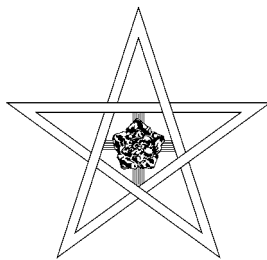
A revista Pentagrama é publicada seis vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês e português.

Ela é publicada apenas quatro vezes por ano em búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco.

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253



Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno vir-a-ser, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração. A revista **pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 37 2015 número 4

O número de poetas, pensadores e mensageiros que nos indicam o caminho sétuplo é impressionante. Aqueles que sacrificam todo o seu ser para seguir esse caminho e perseveram constituem, de fato, um grupo excepcional.

Seguir esse processo sétuplo conduz, invariavelmente, à participação na corrente formada pelos guias do caminho, ou seja: aqueles que o trilharam e se tornaram seus guardiões. E todos dizem, absolutamente todos, que o caminho é sétuplo.

O candidato que efetua o primeiro passo com seriedade dá um passo para fora do tempo. Ele adquire uma compreensão própria do Ser atemporal, do que está em seu interior e também à sua volta. Uma alegria imensa inunda e aquece seu coração e dissolve o que estava cristalizado.

Ao mesmo tempo, será necessário enfrentar muitas dificuldades, de sete tonalidades diferentes, que apenas se resolverão quando ele fizer um apelo ao poder criador do coração. O coração, que também é sétuplo, deverá sempre e cada vez mais romper todas as barreiras que vão se apresentando.

O passaporte para transpor cada barreira é o amor universal. O amor universal é o único visto eternamente válido, pois não está ligado às fronteiras do espaço e do tempo. Efetivamente, o que é universal envolve a tudo e a todos. No universal, fora do tempo, os outros e nós somos Um. Para compreender esse processo plenamente e nos integrarmos a ele, precisamos de verdadeira compreensão. E assim perceberemos que o último passo é também o primeiro.



Capa: Crianças riem em um campo de calêndula, em Panskura, Bengala Ocidental, Índia.

© Sudipto Dans

quem conhece a si mesmo é iluminado

o auxílio da corrente universal
j. van rijckenborgh 2

imagens do mundo

a viagem através dos sete vales

12, 18-19, 27, 34, 35, 36, capa três

infinitamente próximo

desprenda-se de si mesmo e tudo
se abrirá 6

limites saudáveis

uma história atemporal 14

ampliar fronteiras, abolir limites 20

a viagem de mantao II

c.m. christian 24

podemos explorar o que ainda não existe? 28

a redescoberta da gnosis IV

g.r.s. mead, o primeiro gnóstico
moderno 30

quem conhece a si mesmo é iluminado

Um amigo ou um parente, por exemplo, saberá nos dizer muito claramente *como* somos – e também *quem* somos. Eles fazem isso com tanta clareza que até acabamos acreditando. Afinal essas pessoas, que estão próximas de nós, não se baseiam em fatos? Elas teriam alguma razão para apresentar as coisas de forma diferente? No entanto, vocês sabiam que muitas vezes, em matéria de autoconhecimento, nos vemos conduzidos por pistas falsas? Esposa, marido, irmãos ou irmãs, colegas, todos dizem: “Você é assim”... e acabamos acreditando! E é assim que vamos ajustando nossa vida, nosso estado de ser, baseados em conclusões de outras pessoas! E acabamos pensando que estamos muito adiantados em nosso processo de autoconhecimento!

J. van Rijckenborgh

Se vocês forem suficientemente objetivos, reconhecerão que, de tempos em tempos, são vítimas dessa situação. Temos a prova clássica de que Jesus, o Senhor, e tantos outros obreiros e seus sublimes servidores não puderam fazer nada em seu próprio contexto, em seu próprio país, em relação a seus próprios parentes e amigos.

Pensem na frase histórica: “Será que pode vir alguma coisa de bom de Nazaré? – Nada! Nós sabemos disso muito bem!” Pode ser que conhecer os homens seja útil, e julgar os outros pode ser importante para vocês; mas há muito mais erros e mal entendidos do que julgamentos corretos nesse caminho! Quem compreende isso e ousa reconhecer esse fato sabe também que ainda está em total escuridão sobre o autoconhecimento. Quanto a esse ponto, os seres humanos são demasiado otimistas ou pessimistas,

mas raramente realistas. “Como isso acontece?”, vocês poderiam perguntar.

Simplesmente porque o ser humano não possui nenhum órgão sensorial, nenhum poder interior, para perceber a si mesmo objetivamente em seus fatos e gestos. Além disso, ele também não é capaz de observar as suas emoções interiores que o impulsionam a agir desta ou daquela maneira. E percebe menos ainda as motivações de natureza astral que se encontram nos bastidores. O livro das causas e efeitos, o livro do carma pessoal, é geralmente um livro hermeticamente fechado no que diz respeito à nossa própria vida.

O mesmo acontece com o ocultista – por mais que ele diga que está profundamente informado sobre seu próprio estado cármico. A Escola da Rosacruz Áurea atual rejeita o ocultismo porque ele oferece um método que permite às pessoas



Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri são os fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Nessa escola eles explicaram aos alunos a senda da libertação da alma de várias maneiras, utilizando-se muitas vezes de textos originais da doutrina universal, tendo sido um exemplo para os alunos, pois além de estudar seriamente a senda, realizaram-na em suas vidas.



se aprofundarem no mistério da existência *por meio da consciência-eu*. Isso é possível somente até certo ponto. O resultado é sempre uma consciência-eu dura como pedra e uma existência totalmente fundida com a esfera refletora e presa a ela.

A FÓRMULA DO SEGREDO Em relação à salvação eterna, à vida real e verdadeira, essa ciência oculta nada pode fazer pelo ser humano. Trata-se de aprender a conhecer um segredo – e a fórmula desse segredo é:
em primeiro lugar: conhecer a si mesmo e, assim, participar da iluminação;
em segundo lugar: vencer a si mesmo e, assim, tornar-se todo poderoso;
em terceiro lugar: implementar uma nova energia e, assim, desenvolver o poder mágico da vontade;

em quarto lugar: no final da jornada através da matéria, adentrar na nova vida, na vida eterna.

Querem estudar essa fórmula e depois tentar aplicá-la e saborear seus frutos? É uma fórmula que vem do antigo passado e traz a glória da verdade infalível.

Um questionamento surge: “Como chegaremos ao autoconhecimento a fim de participar da iluminação?” E “O que vem a ser a iluminação?” Para propor essas perguntas precisamos estar enriquecidos de certas experiências e termos bebido do cálice amargo da dor. Afinal, é graças à experiência que surgem as indagações no coração do ser humano: “Qual é o objetivo de minha vida? O que é o ser humano, na realidade? A que ele está destinado?”

Quando fazemos todas essas perguntas, mas não intelectualmente e sim porque para nós

Podemos considerar que a personalidade é apenas a metade da criação, pois ela constitui a base para o surgimento do novo homem

essas questões são de fato problemas interiores, quando essas indagações surgem das profundezas de nosso ser, isso quer dizer que a tendência à busca está surgindo de forma espontânea em nós. É uma inclinação que, desde o começo de nossa busca, sentimos como necessidade vital, como “ser ou não ser”. É então que o ensinamento universal se abre inteiro diante de nós e percebemos todo o plano de Deus para o mundo e a humanidade.

Para o aluno, essa busca se torna cada vez mais fácil. A literatura da Escola da Rosacruz Áurea se coloca inteiramente à sua disposição e ele a estuda porque se sente impulsionado por uma necessidade vital. Observem que o conceito estudar a que nos referimos tem uma base completamente diferente do estudo comum. O aluno estuda e quer saber, e faz isso porque se sente impulsionado por essa necessidade vital. Então ele descobre que a consciência-eu consiste em uma atividade motriz cujo papel é, na melhor das hipóteses, manter a personalidade viva; que a personalidade é apenas a metade da criação, pois constitui a base para o surgimento do novo homem. Enfim: ele enxerga que a vida da personalidade, tal como a percebe atualmente, não é uma vida digna do estado de ser humano, mas uma existência puramente animal.

O AUTOCONHECIMENTO E O

CONHECIMENTO DE DEUS Assim que o aluno compreende – e se ele for movido por uma necessidade vital – um ponto latente de sua personalidade desperta, se abre e floresce: a rosa do coração. E, do interior dessa rosa, fala uma voz: a voz da chama monádica, essa parte do ser humano superior que, por meio da alma, deve ligar-se ao homem inferior, para que então, por meio desse processo, o homem inferior possa se transformar completamente e transfigurar-se. Quando esse plano se torna claro no interior do aluno e se abre, ele compreende diferentemente do modo intelectual; quando ele vive e cresce interiormente no plano que Deus formou para ele, então, ao mesmo tempo, ocorre a iluminação. Isso é o autoconhecimento, o conhecimento de Deus, o conhecimento da frase: “O reino de Deus está em vós”.

Iluminação é isso. E é no interior dessa iluminação e por meio dela que o homem empreende o caminho da vitória: a vitória sobre si mesmo. ✪

Farid ud-Din Attar, um poeta sufi do século XII, representou a viagem espiritual para a verdade na forma de sete vales. Cada um dos vales é tanto uma meta quanto uma possível cilada e, em cada um deles, deparamo-nos com sinais que indicam o caminho pelos campos e montanhas até o próximo vale. A poupa é o pássaro que descreve os sete vales, representados de forma esquemática como:

Primeiro vale, Talab

Vale da busca: a busca perseverante movida pelo coração e pela graça

Segundo vale, Ischc

Vale do amor: ser consumido pelo fogo do amor

Terceiro vale, Ma'rifat

Vale do conhecimento: estar atento ao próprio coração

Quarto vale, Istigna

Vale do desapego: libertar-se do medo e do desejo

Quinto vale, Tauhid

Vale da unidade: libertar-se da dualidade e do eu

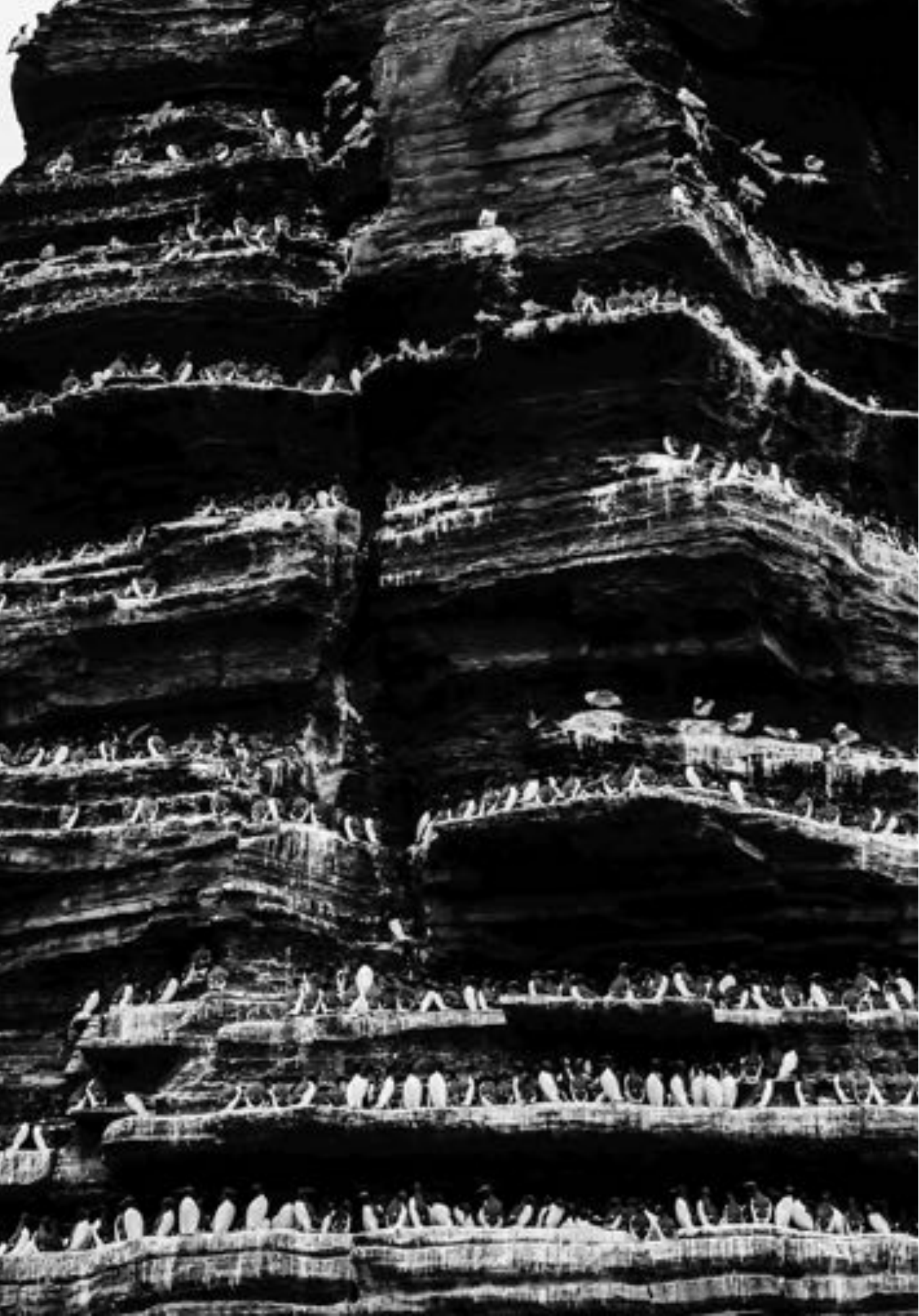
Sexto vale, Hairat

Vale da perplexidade: atravessar o deserto bravio de dor, tristeza, perda, ruína

Sétimo vale, Facr-fana

Vale da carência e da realização, unidade (“fana”): carência espiritual e destruição

Para poder sair de um vale é preciso descartar uma parte da “bagagem” que trazemos conosco. Temos de largar um a um os nossos condicionamentos. O processo de desfazer-nos dos condicionamentos leva-nos a um novo modo de vida, que traz a liberdade para cada vez mais perto. Precisamos de duas pernas para a viagem: uma delas é nossa orientação para a eternidade; a outra é a persistência para atingir a meta. Porém, no caminho, é preciso constantemente prestar contas de nossos motivos para garantir que não estamos simplesmente inflando nosso ego. Para isso, devemos querer saber a verdade e estar dispostos a sacrificar todas as opiniões que tínhamos até então a respeito de nós mesmos. O leitor encontra impressões sobre os sete vales nas páginas 12, 18, 19, 27, 34, 35, 36 e no verso da última capa.





Há vinte e cinco séculos o sábio Lao Tsé afirmava: “Quem conhece os outros é perspicaz; quem conhece a si mesmo é iluminado”. O filósofo Carl Gustav Jung, há sessenta anos, queixou-se de que “é mais fácil alcançar o planeta Marte que penetrar em si mesmo”. Sempre estivemos focados na ideia de conhecer o ser. Ora, certamente trata-se de uma forma de conhecimento que não é tão fácil de adquirir, ainda que se trate de si mesmo. Neste artigo, vamos nos basear em várias citações, todas elas destinadas a nos fazer aceder a esse autoconhecimento.

Refletir sobre si é algo precioso, e o autoconhecimento é indispensável para viver com os outros. Além do mais, ele é uma necessidade vital para quem quer seguir a senda espiritual libertadora. Os sábios da Antiguidade já concordavam sobre isso. O que não significa que fosse algo fácil de conseguir. Um ser ativo pode, em certos momentos, mostrar-se sonhador. Alguém que é ansioso em determinada situação pode manifestar admirável coragem em outra. Embora às vezes gostemos de frequentar o mundo, acontece também de sermos vistos como solitários. O que é certo a nosso respeito é que somos mutáveis, cheios de contradições, a ponto de nos surpreendermos repetidamente. Por outro lado, para nós é bem mais fácil observar os outros em suas ações e gestos e julgá-los do que observar a nós mesmos. Geralmente, em matéria de conhecimento elementar de si mesmo, as pessoas fiam-se instintivamente no que os outros dizem. Sua esposa, seu marido, um irmão, uma irmã ou amigos, todos bem-intencionados, dirão exatamente como ou quem somos. E o fazem

com tal convicção e segurança que só podemos acreditar.

DEFICIÊNCIA PARA OBSERVAR A SI MESMO

A que devemos isso? Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri dizem o seguinte: “Simplesmente porque o ser humano não possui nenhum órgão dos sentidos, nenhuma faculdade interior para ter uma percepção objetiva de si mesmo em seu comportamento e gestos; e porque ele também é capaz de observar as emoções interiores que o levam a agir desta ou daquela maneira; e muito menos os impulsos de natureza astral que se encontram em segundo plano. O livro das causas e efeitos, o livro do carma pessoal, no mais das vezes, permanece hermeticamente fechado no tocante à sua própria vida”.

Portanto, é compreensível que sejamos reduzidos a nos fiar nos outros ou em meios exteriores. Entretanto, é indispensável voltarmos-nos para nós mesmos a fim de chegar a um vivo e autêntico conhecimento de nossa pessoa. Mikhail Naimy não deixa dúvidas sobre isso: “Se, pois, vosso

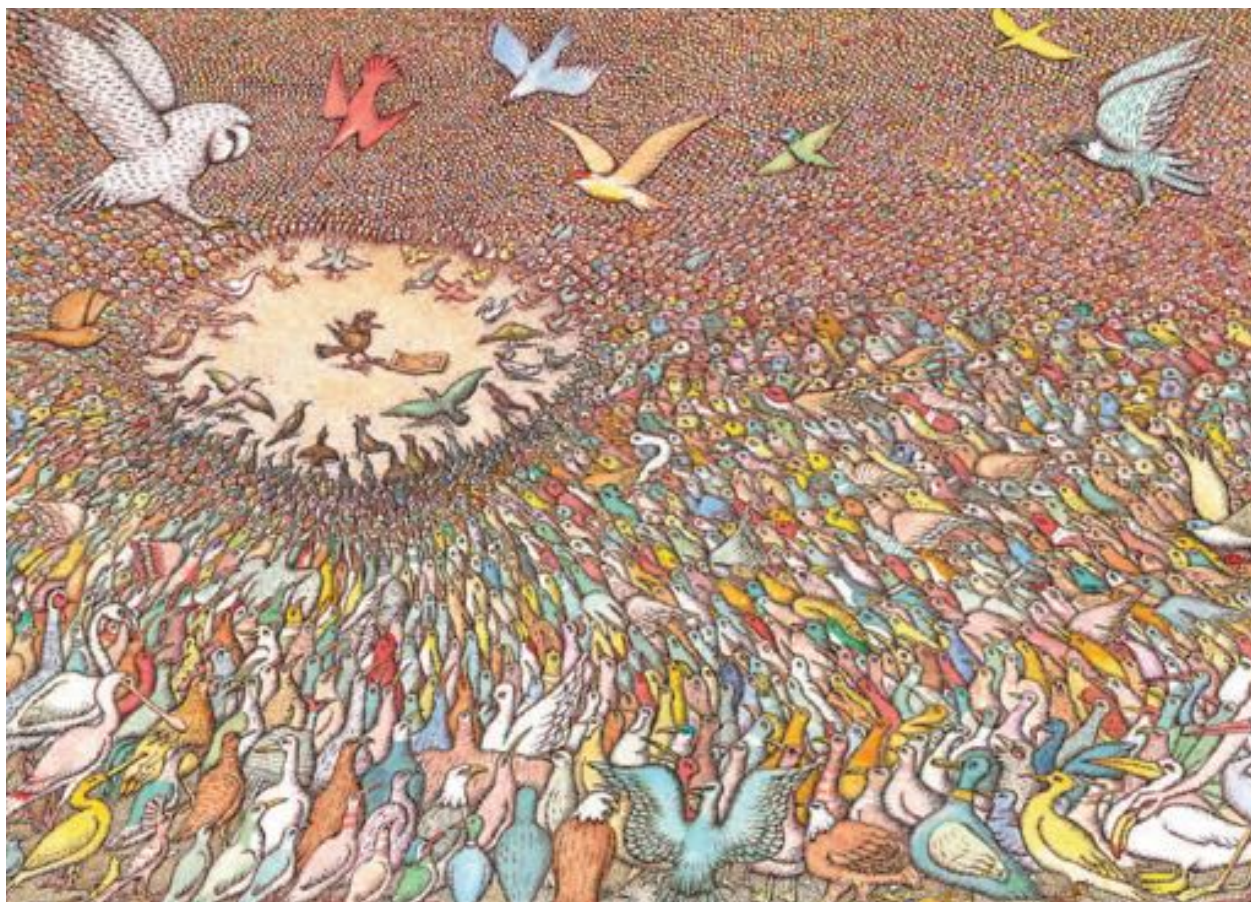
Rompei os selos de vosso próprio ser, e todas as coisas perderão os seus

mundo é um enigma indecifrável, é porque vós mesmos sois enigmas indecifráveis. Se vosso falar é uma confusão deplorável, é porque vós sois essa confusão deplorável. Deixai as coisas como elas são e não vos esforceis para modificá-las, porque elas parecem ser o que parecem devido a parecerdes ser o que pareceis. Elas não veem nem falam se vós não lhes emprestardes vista e fala. Se elas vos falam asperamente, atentai unicamente para vossa língua. Se vos parecem feias, examinai em primeiro e último lugar vosso olho. Não peçais às coisas que deixem cair seus véus. Desvelai a vós mesmos, e as coisas vos serão desveladas. Não peçais às coisas que rompam seus selos. Rompei os selos de vosso próprio ser, e todas as coisas perderão os seus [...] Se tendes pensamentos que aferroam, perfuram ou dilaceram, sabei que o único responsável por provê-los de ferrão, presas e garras é vosso eu dentro de vós [...] Se existem urzes espinhosas em vosso coração, foi unicamente o eu em vós que lá se arraigou [...] Se houver elementais malignos em vosso universo, podeis estar certos de que somente vosso eu foi quem os criou”.

A CONFERÊNCIA DOS PÁSSAROS Inúmeros são os contos e mitos que simbolicamente descrevem a penosa busca do homem por si mesmo, por seu verdadeiro Ser. Um deles é *A conferência dos pássaros*, também traduzido como *A língua dos pássaros*, de Farid ud-Din Attar, poeta do século XII. Essa história relata como todos os pássaros do mundo se reúnem um dia para partir em busca de seu soberano, Simurgh. Eles escolhem

um chefe, a poupa. Esse pássaro ensina-lhes que a morada do Soberano fica muito distante e que ir até lá é algo perigoso. Podemos ver esses pássaros como os seres humanos – ou suas características – em busca de seu Senhor, de sua origem. No início, os pássaros parecem todos muito entusiasmados e desejam apenas chegar até Simurgh. Mas, progressivamente, eles renunciam e esse objetivo, evocando todo tipo de desculpas. O pardal não quer fazer essa viagem. Muito sedentária, a coruja reluta em deixar seu ninho. O rouxinol é um poeta que adora cantar e que não quer abandonar sua bem-amada, a rosa, tão bela e atraente. “Sou louco por ela”, diz ele, “a ponto de esquecer de minha própria existência; só a ela vejo e a suas lindas pétalas corais. Essa viagem excede minhas forças. O amor da rosa me é suficiente. Como poderia eu passar uma noite sem esse amor que me encanta?”

A coruja reage vivamente quanto a isso: “Rouxinol, o exterior das coisas o embriaga. Pare de lhe dar tanta importância. O amor da rosa é cheio de espinhos; a rosa subjogou você e o tem sob seu poder. Por mais bela que ela seja, sua beleza é efêmera. Você deveria se envergonhar; trabalhe mais e deixe a rosa. Ela não estará aí para sorrir para você na próxima primavera. Ela ri de você e depois desaparece”. Outro pássaro, uma rolinha amorosa, inventa todo tipo de razões para não partir. “Grande poupa¹, o amor me acorrentou e já não posso me mover. O amor roubou minha razão, meu coração, até mesmo minha alma. Sem amor, vivo um inferno. Como partir em viagem se sou prisioneira do sangue de meu bem-ama-



do? Não consigo me separar de sua linda cabeça. Minha dor é tal que ultrapassei a fê e a incredulidade. Meu bem-amado é meu ídolo, mesmo que eu defínhe de tristeza. Mesmo que o amor não me traga senão tormentos, sem meu bem-amado estou perdida, aniquilada. É isso que sou. Diga-me o que devo fazer”.

A poupa responde: “Você é prisioneira das belas aparências e do amor superficial, ou seja, dos desejos da carne. Volte seu amor ao que é perfeito, busque o mundo jamais visto da verdadeira beleza. Quando o último véu é retirado, todo o brilho e a beleza terrestre se volatilizam. Os que amam as aparências são inimigos de si mesmos. Os que, ao contrário, durante a espera, ligam-se ao Amigo, invisível e ausente, são integrados no puro Amor infinito e eterno”. É evidente que as admoestações da poupa se dirigem aos que

querem percorrer o caminho espiritual e que, definitivamente, se deixam reter, por exemplo pela covardia, por apego exagerado, pela preguiça, pela hipocrisia, pelos bens terrestres. A poupa nos estimula a conhecer nossa realidade e descobrir nosso destino interior. Finalmente, um importante grupo de pássaros alça voo para ir em busca de seu Soberano. É uma expedição amarga, na qual as privações são, para muitos, uma dura prova. Os peregrinos devem sobrevoar sete vales. O poeta persa lhes dá respectivamente o nome de vale da busca, do amor, do conhecimento, do desapego, da unidade, da perplexidade e, por fim, da carência espiritual. Os pássaros que puderam suportar tudo isso alcançaram o objetivo que haviam determinado. Apenas trinta pássaros se apresentaram à porta do palácio do grande Soberano. Lá, o sol celeste começa a irradiar sobre eles e – esclarece o poeta – algo incrível

Os trinta pássaros viram seus próprios rostos refletidos no rosto do Soberano celeste Simurgh

acontece. “Os trinta pássaros viram seus próprios rostos refletidos no rosto do Soberano celeste Simurgh. Estupefatos, eles se perguntaram se seriam mesmo eles ou se haviam se tornado seu soberano. Depois eles olharam uns para os outros e... oh maravilha! Os trinta pássaros se revelaram ser um único Simurgh! Lançando a seguir um furtivo olhar sobre si e sobre seu soberano, eles tiveram de se convencer: na verdade, o Senhor e eles eram Um. O Soberano, então, dirigiu-se aos trinta: “Integrem-se em minha alegria e minha magnificência e reencontrem-se unidos a mim”. Então, os pássaros fundiram-se em Simurgh pela eternidade; e a sombra foi reabsorvida pelo sol. Já não havia nem viajante, nem caminho, nem guia. Ao descobrir seu Senhor, eles descobriram a si mesmos e também seu Ser divino.

Essa história de Farid ud-Din Attar esclarece que o homem não alcança o verdadeiro autoconhecimento quando se atém a medos e preocupações, a prazeres e paixões bem como a ideais próprios deste mundo. O rouxinol e a rolinha desse conto persa exprimem bem nossa dificuldade em nos distanciar dos atrativos exteriores.

CALAR TODAS AS VOZES EXTERIORES C.G. Jung também tratou desse assunto. Ele dá duas explicações para o fato de o homem perder contato rapidamente com seu núcleo essencial. A primeira é que esse instintivo desejo louco ou representação no plano emocional fazem-no facilmente perder o equilíbrio. Para explicar, Jung refere-se ao mundo animal. Um cervo macho,

por exemplo, esquece totalmente sua sensação de fome ou sua preocupação com segurança quando está no cio. A segunda explicação de Jung diz respeito à dificuldade do homem de alcançar seu ser essencial devido à sua consciência-eu dominante, que obstaculiza as mensagens vindas do núcleo interior. O esforço por alcançar sem suposições um conhecimento de seu próprio ser e de suas relações com o mundo e no mundo, o esforço por ser verdadeiro e autêntico, dão à pessoa a possibilidade de chegar a uma total conversão interior. Ela compreende que já não pode se esconder atrás dos outros, dos parentes, dos educadores. A caminho de suas profundezas interiores, o homem deve fazer calar todas as vozes de terceiros, mas também as suas próprias, inclusive suas motivações, se não forem puras. Somente então seu ser pode se abrir ao conhecimento do coração, à Gnosis, conforme diziam os rosa-cruzes clássicos do século XII.

O HOMEM PRIMEVO QUE VOCÊ É Quem está conscientemente em harmonia com o chamado interior da Gnosis percorre um caminho interior de experiências sob a proteção e na força da Gnosis. Quanto mais o homem se abre a esse chamado, tanto mais ele adquire esse autoconhecimento que mudará totalmente sua vida e seu ser. Ele experimenta que nele há ainda um poder, talvez restrito, mas em todo caso importante, de natureza divina. Esse princípio divino, esse núcleo de luz está frequentemente latente, entretanto um chamado insistente emana dele. Em quem o es-cuta, uma lembrança do homem primordial pode

se manifestar, uma pré-lembrança de sua origem e da missão que consiste em se tornar um ser abençoado por Deus, um filho da Gnosis. Jan van Rijckenborgh diz: “Desenvolve-se uma nova vida de sentimentos, uma nova necessidade vital, isto é, um intenso desejo de compreender a finalidade de sua vida e o plano que está em sua base. À medida que ele penetra nesse plano, que seus desejos e seu coração se alimentam dele, que esse coração é, portanto, iluminado pela grandiosa luz da Gnosis, o coração se abre a essa maravilhosa realização. A rosa desabrocha, e o homem superior, que, como microcosmo, envolve o aluno, lhe fala. O candidato entra assim no que denominamos, e que muitos antigos denominavam, o período de iluminação mística, a fase de alegria da ligação do toque com o plano. Nesse primeiro e novo estado de ser em pleno desabrochar pode surgir uma orientação de vida completamente diferente, portanto, uma faculdade totalmente nova. Tudo aquilo que era considerado muito importante torna-se insignificante, torna-se nada à luz do novo dia. Surge, então, uma nova capacidade moral-racional. Racional porque, através dessa mudança, o santuário da cabeça e, a seguir, o santuário do coração, irão cumprir suas verdadeiras funções. Cabeça e coração, coração e cabeça cooperam num estado de ser moral-racional iluminado”.

"Homem, conhece-te a ti mesmo". É esse homem que Lao Tsé tem em mente quando diz: "Quem conhece a si mesmo é iluminado". ☸

Fonte:

Attar, Farid ud-Din. *A conferência dos pássaros*

Huijs, Peter. *Volmaakt Licht (A luz perfeita)*

Rijckenborgh, J. van e Petri Catharose de, *A Gnosis chinesa*

Naimy, Mikhail. *O Livro de Mirdad*

Zegveld, André. *Een plaats om te wonen - over spiritualiteit en menswording (Um lugar para morar – sobre espiritualidade e encarnação)*

¹ Pupa: ave (*Upupa epops*) coraciiforme, migratória, encontrada na Europa, África e Ásia, de plumagem rosada, asas e cauda com bandas pretas e brancas, bico longo, curvo e pontiagudo e cabeça com uma grande crista de penas.



O primeiro vale, Talab

O vale da busca: a busca perseverante, movida pelo coração e pela graça

O primeiro vale é o vale da pesquisa. É realmente a primeira iniciação e um passo rumo ao desconhecido. Estamos em busca de Deus, da verdade, da paz, de nós mesmos ou o que quer que seja, e estamos cheios de sincero entusiasmo. O que nos impulsiona a essa busca são o “intelecto” ou o “anseio”, mas ambos são incapazes de encontrar o verdadeiro objetivo. No entanto, são eles que iniciam nossa pesquisa. Nesse vale é o “eu” quem conduz a procura. Achamos que sabemos quem é esse “eu”, mas a pesquisa é direcionada para algo completamente diferente dele. A maioria das pessoas permanece longos anos nesse vale: muitas vezes até mesmo a vida inteira. Elas vagueiam de um lado para outro, de um mestre para outro, ou de uma doutrina para outra, ficando, assim, presas nas armadilhas de sua própria pesquisa. Alguns estão satisfeitos e se contentam com sua existência nesse vale, acreditando ser essa satisfação um salvo conduto para sua iluminação. Um ou outro acabará talvez descobrindo algo que produza uma experiência profunda, ou será marcado pela experiência do amor - em seu interior:



limites saudáveis

Três homens idosos chegam penosamente ao fim de sua escalada – não por causa da altura da montanha, mas sim pelo estado deplorável do caminho que estão seguindo. Seus pés escorregam e suas mãos mal encontram onde se agarrar.

UMA HISTÓRIA ATEMPORAL

Haviam partido há muito tempo, mas já não sabiam de onde. Seus trajes datavam de uma época muito longínqua, quando as pessoas usavam longas vestes e chapéus estranhos. Dois deles tinham longos cabelos brancos e barba, e o terceiro nunca usara barba em sua vida.

Eles já não sabiam de onde vinham. A única coisa certa é que tinham desejado partir para longe – ou o que isso pudesse significar. Vivenciaram muitas aventuras, experimentaram todo tipo de sentimentos, querelas e também momentos inesquecíveis, acessos de pânico e de intensas emoções; mas estavam sempre juntos! Eram amigos, mas estranhamente mantinham distância um do outro, e não se ajudavam durante a escalada. O passado parecia dizer que isso não era necessário.

Chegando ao topo da montanha, o mais velho dos três consegue alçar-se a um pequeno platô. Como de costume, olha para todos os lados antes de cair por terra, suspirando. Nesse momento, uma luminosidade estranha, vinda de muito longe, chama sua atenção e o toca profundamente.

Após lançar um olhar furtivo para os outros dois companheiros, ele se senta e observa aquela luz oscilante, que parecia estar viva. Em seu íntimo ele imagina tratar-se de alguma coisa muito

importante. Tão logo se aproximam, os outros dois companheiros são, por sua vez, como subjugados por aquela luz. Com voz rouca, que nem sempre era inteligível, o mais idoso diz vagarosamente: “É ali que eu gostaria de estar”. O homem imberbe e calvo sorri sem nada dizer. Ele tem a impressão de que aquele brilho ora se aproxima ora se distancia. Grave e silencioso, o terceiro observa a luz sem se deixar distrair.

Apesar do cansaço, os três se levantam e iniciam a descida. A atração exercida sobre eles por aquela luz era tão forte que pareciam impulsivados por asas. O primeiro homem, com olhar radiante, voou em direção a uma cidade. A luz o preencheria com um amor intenso, fazendo-o sentir-se “uno” com a natureza. Todos os homens eram seus irmãos. Seu amor não conhecia fronteiras. Fixou residência nessa cidade e amava a todos. O que quer que fizessem ou dissessem, ele a todos amava e tudo perdoava. Se alguém lhe fizesse algum mal, ele lhe “dava a outra face”. E embora alguns zombassem dele – e grande era o número dos que assim procediam – ele lhes desejava o melhor. Amava a Deus acima de tudo e orava com frequência. Ao ladrão, oferecia ainda mais dinheiro. Para ele, era muito difícil deixar de abraçar todas as pessoas que cruzassem seu caminho.

Com frequência, acontecia de voltar-se para uma pessoa, olhá-la nos olhos e, com palavras calorosas, testemunhar-lhe seu amor. A princípio, as pessoas, surpreendidas, o achavam de fato simpático e reagem positivamente. Mas

Rembrandt van Rijn, Os três escribas. 1628

Rijksmuseum, Amsterdã



Eles buscavam a luz e ela se pôs a planar docemente acima deles. “Somente a luz é sem limites...”

logo suas demonstrações de afeto começaram a irritá-las.

“Deve ser maluco”, pensavam. E o fato de já não darem a mesma acolhida às provas de seu amor causava-lhe infinita dor. “Onde está o erro?” – perguntava desesperado. Afinal, o que há de mais importante que o amor?

O segundo dos três voou até uma montanha. Ali descobriu uma gruta e nela fez um templo para a luz. Seus pensamentos estavam totalmente absorvidos pelo encontro com a luz; e ali adquiriu imensa sabedoria. Era generoso com todas as pessoas que viessem vê-lo, e prodigalizava

seus sábios conselhos até mesmo àqueles que apenas passavam por ali. Suas palavras revelavam profunda sabedoria, e as pessoas o consideravam muito inteligente. Contudo, com o tempo, acabaram achando-o importuno; assim, desde então, ele passou a falar para o vazio. Estava convicto de que dizia a verdade, porém era mal compreendido. Apesar de seus esforços, as pessoas permaneciam fechadas, e isso o enchia de amargura. Por fim, já ninguém lhe dava ouvidos; então, desesperado, exclamou: “O que devo fazer? Recebi o dom da sabedoria e distribuo esse tesouro a todos, mas ninguém o quer. O que fazer com esta sabedoria?”

Três homens idosos. © Bob Masse,
Poster (arte fotográfica)
Salt Spring Island, BC, Canadá

O terceiro tinha alçado voo para um país em que os homens se encontravam na miséria. As terras nada produziam, as doenças imperavam, ninguém sabia ler nem escrever e ninguém tinha a menor ideia de propor mudanças saudáveis. Durante o voo, o mais velho sentiu crescer dentro de si uma força imensa. Era ali que ele poderia usá-la. Entregou-se ao trabalho sem nunca experimentar a mínima limitação. Começou a trabalhar a terra nos campos, a enterrar as sementes, a regar e depois colher.

Tratava as feridas e distribuía remédios. Ensinava as crianças e auxiliava a quem batesse à sua porta. Admiradas, as pessoas logo cedo punham-se em fila para manifestar seus desejos. O velho não parava de prestar ajuda e socorro, até que isso acabou por esgotá-lo. Mas tão logo parou de ajudar, os problemas se tornaram mais graves. Assim, teve de retomar o trabalho e continuá-lo a todo custo. Os parasitas e os aproveitadores começaram, então, a abusar dele. Ao tomar consciência disso, ele se abateu. Mal teve força para ainda dizer: “Somente fiz o bem, trabalhei duro e não vejo nenhuma melhora! O que devo fazer?”

Nesse momento, excitados, os três homens perderam o rastro um do outro. Isso os deixou tremendamente espantados. Ficaram alarmados quando notaram que suas asas tinham desaparecido.

Então foram tomados pelo desespero. Buscaram a luz, e ela se pôs a planar docemente acima deles, dizendo: “Somente a luz é sem limites. Sozinhos nada podem fazer, e, além disso, vocês

precisam ter limites. Foi ao encontro desses limites que vocês foram quando se separaram. Eles são saudáveis. Reflitam sobre o significado de um limite: cada criação significa um limite. Quando tudo é branco, nada se distingue. Coisas e homens não são todos idênticos, embora juntos constituam uma unidade. A orelha serve para ouvirmos, e os pés para nos mantermos em pé. É necessário que assim seja, apesar de pertencerem ao mesmo corpo. Nem tudo é bom de se fazer. Bom é o que pode ser feito. Nem todos os alimentos são saudáveis, pois o que é agradável ao corpo não é necessariamente bom para a alma. O discernimento é um dos mais formidáveis poderes humanos. Vocês fizeram bem em não se deixarem elevar pela luz, pois do contrário seriam queimados”.

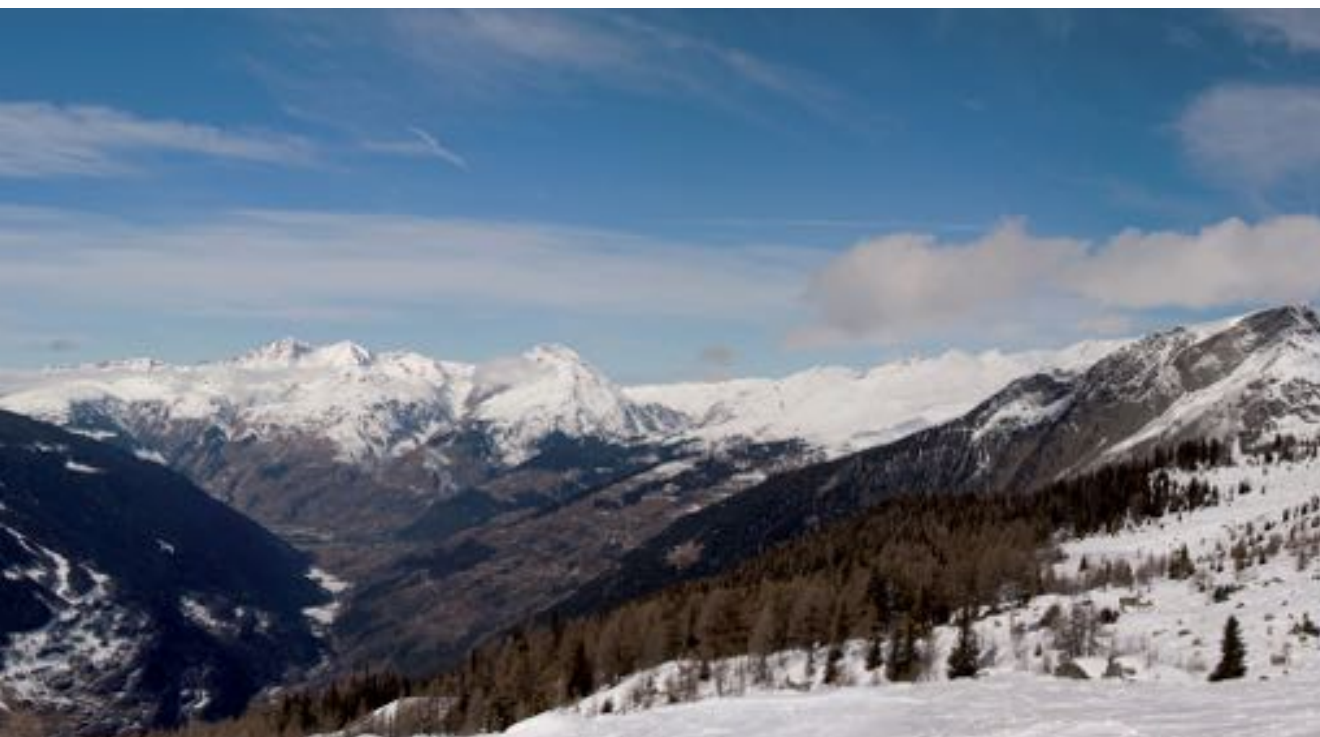
Lá em cima, a luz desapareceu, deixando um rastro atrás de si. Os três homens o seguiram e finalmente reencontraram a luz em uma clareira rodeada de altas árvores, no centro de uma floresta. Não havia nenhuma trilha que conduzisse àquele lugar. Os três conversaram por um longo, longo tempo, talvez durante anos. Conversaram como jamais haviam feito e compreenderam mais do que até então haviam compreendido no decorrer de sua longa vida: tratava-se de amor desprovido de sabedoria, de sabedoria desprovida de ações e de auxílio que ainda não pode ser recebido. Falaram ainda sobre muitas outras coisas, e, enquanto trocavam ideias, apareceram-lhes novas asas. Dessa vez, tratava-se de asas poderosíssimas, que conciliam amor, sabedoria e ação, na doçura, na paciência e na unidade. E a luz se fez. ☀



Segundo vale, Ischc

O vale do amor: ser consumido pelo fogo do amor

Aqui entramos no vale do amor; onde experimentamos algo além de nosso ser “eu”, o que quebra o sentimento de isolamento e solidão de nossa pesquisa anterior. Deparamo-nos com um mestre, um grupo, um conceito de Deus ou algo pelo qual nos apaixonamos. Talvez estejamos percebendo, pela primeira vez em nossas vidas, o que é o amor; e essa experiência é tão significativa que mantemos essa ligação para o resto de nossas vidas.



Pensamos ter finalmente chegado ao nosso objetivo. Finalmente encontramos o “amor”. É uma experiência grandiosa, mas é, ao mesmo tempo, uma armadilha perigosa da qual só conseguimos nos libertar depois de muito esforço. Somente quando percebermos que o amor não é suficiente e que essa “experiência maravilhosa” não é o objetivo final conseguiremos entrar no próximo vale: o vale do conhecimento.

ampliar fronteiras, abolir limites

No livro *The googlization of everyting* (A googlização de tudo) um americano, professor de Comunicações, afirma que pensamos com muita leviandade sobre nosso procedimento na busca de dados na Internet e sobre os *hits* (número de informações como resultado) que nos são apresentados.

Será que podemos ignorar com tanta facilidade os interesses comerciais de quem veicula anúncios nas ferramentas de busca? Isso sem pensar no fato de que uma ferramenta de

AAMPLIAR OU REDUZIR LIMITES Atualmente, vemos que a pressão para demarcação de nossos limites está se deslocando do âmbito coletivo para o pessoal e individual. Com a transposição de interesses grupais para pessoais, agora as escolhas são muito mais determinadas pela autonomia e autorresponsabilidade. Assim, vemos que o internauta ocidental dá cada vez menos importância aos grandes poderes religiosos e políticos. Em suma: com a supressão dos limites coletivos, aproximamo-nos dos limites dos anseios, expectativas e comportamentos pessoais. Por isso, seremos avaliados por aquilo que fizemos ou tivemos de fazer, ao passo que, no passado, o significado de nossas ações geralmente era captado pelo sentimento de grupo.

Por outro lado, somos cada vez mais limitados por estruturas anônimas intocáveis que assumiram o poder em nosso mundo globalizado. Onipresentes, os interesses financeiros tornaram-se extremamente poderosos. Tudo é concebido de acordo com modelos de desempenho voltados à publicidade e ao lucro, a serviço de empresas tão poderosas quanto invisíveis, às quais é quase impossível se opor. Um sentimento de impotência toma conta do indivíduo, pois ele percebe que, sem consideração à sua pessoa, tudo é determinado de maneira pouco transparente e, assim, ele acha que não tem outra escolha a não ser acompanhar a massa, passivamente.

O QUE FAZER AGORA? Quando isso vai parar? Quando vamos deixar de rodar como *hamsters* nessa roda que mais parece uma armadilha? Talvez quando formos forçados a fazer isso simplesmente porque já não conseguimos acompanhá-la e, assim, tivermos de nos desconectar. Já vemos isso ocorrer com os mais idosos, que se sentem excluídos e inúteis nesse mundo febril. Como se, em seus anos de juventude, não tivessem participado dessa construção da qual hoje tiramos proveito! Geralmente são grupos de excluídos, migrantes, assalariados com baixo poder aquisitivo deixados à margem por nossa sociedade. Mais cedo ou mais tarde receberemos a conta dessa exclusão!

Então, seria melhor fugir do mundo civilizado? Desse mundo da “meritocracia” no qual só merecemos, consumimos ou nos comunicamos na medida de nossa eficiência? Onde o indivíduo é um “perdedor” quando não consegue ser um “ganhador”? Muitos já estão começando a escapar, por exemplo, desligando-se do Facebook ou dando as costas a toda essa agitação em torno do dinheiro. Foi o que aconteceu ao cineasta Ed Wardle, que divulgou seu documentário *Sozinho na selva* pela revista *National Geographic* (Geografia Nacional). Ele tentou sobreviver sozinho por três meses no território canadense de Yukon sem qualquer contato humano. O homem suportou seu isolamento por apenas 15 dias! Não conseguiu ficar falando somente consigo mesmo por mais tempo. Por fim, Wardle

busca tem por missão o “livre acesso a todas as informações disponíveis”. Fascinados por tudo o que é colocado à nossa disposição, somos pressionados, no verdadeiro sentido da palavra, através de uma espécie de funil, na direção de anúncios pelos quais não estávamos procurando. E ainda nem estamos falando sobre a credibilidade, a exatidão e a integridade de tudo o que a Internet nos proporciona.

teve de restabelecer contato com seus companheiros que, felizmente, haviam permanecido a seu alcance nas proximidades.

Por trás de toda essa “tentativa de fuga” oculta-se, provavelmente, um impulso religioso de *religare* – ligar de novo. Quando expandimos os limites para um campo que não podemos perceber diretamente com nossos sentidos, para um tema sobre o qual não temos comprovações substanciais ou sobre o qual as pessoas não têm a mesma opinião, nenhum consenso será possível. Simplificando: trata-se do que chamamos simplesmente de “conceito abstrato de Deus”, embora, na interação superficial com nosso semelhante, neguemos sua existência.

O resultado substancial de tudo isso é que, para as grandes questões subjetivas, não encontraremos no Google uma resposta apropriada. Afinal, trata-se muito mais de uma realidade interior vivenciada profundamente do que um simples conhecimento superficial. Será que nos questionamos a respeito da natureza dessa experiência, do desejo de estabelecer essa re-ligação, esse contato? Contato que, seja da maneira como for – tangível ou intangível – é uma interface entre os participantes que sabem alcançar esse nível e compreendê-lo?

Em algum ponto de nossa extensa viagem de pesquisa na rede universal, perdemos a palavra-chave mais importante – a compreensão de tudo o que está fora da horizontalidade: a

dimensão vertical, a realidade transcendente, que está além dos limites de nosso alcance pessoal, até mesmo além do contato entre humanos animados pelas mesmas intenções e de tudo sobre o que eles concordam nessa interação superficial. Trata-se de algo que entra em contato conosco, como seres humanos, e fala sobre o que nós, individualmente ou em grupo, já não temos controle. Já não se trata de “eu” ou “você”. É algo além dos limites entre “eu” e “você”. É nesse espaço que nós nos perdemos de nós mesmos.

Enfim: trata-se da superação de todos os limites estabelecidos! De descobrir que Deus, como Aquele que é totalmente diferente, o Outro, não está fora (naquele mundo externo que pretendemos sondar até o infinito), mas também não está em nós (em nosso espaço psíquico inesgotável) e nem no espaço intermediário entre as pessoas. Porém, o conceito de verticalidade que buscamos ultrapassa e transcende todos os limites humanos. Na verdade, esse conceito passou muito tempo preso a esses limites. Nós o negamos ou reprimimos com todo tipo de justificativas, com motivos pessoais ou interesses grupais muitas vezes contidos em programas equivocados ou dogmas desgastados. No entanto, perseverantemente, com amor e paciência, ele continua sempre presente em nossas vidas, até termos a capacidade de reagir, no importante momento em que conseguimos sintonizar nossos pensamentos com ele, assumindo um princípio de responsabilidade. É o princípio de uma forma

Amplie seus limites. Perceba que o único e infinito Criador, o Outro, somente se desvelará no espaço exterior que exploramos até os limites extremos quando for reconhecido, bem vivo, em nosso interior, no espaço inesgotável de nossa profundidade espiritual



de pensar verdadeiramente renovadora e criativa, que ultrapassa os limites da racionalidade e de nossa percepção sensorial, partindo de uma coerência primordial entre o coração e a cabeça. É um saber intuitivo e inovador. Para isso, precisamos deixar de nos esconder debaixo no excesso de sabedoria aparente – como sempre fizemos – e então observar o novo início, para permanecermos fiéis a esse conceito. É preciso ter coragem baseada na autorresponsabilidade:

a coragem de observar estas questões vitais: O que está acontecendo comigo? Quais são as consequências de minha atitude de vida e que importância elas têm para mim?

Tudo isso não seria algo que eu mesmo devo assumir, deixando de me sujeitar a *coaches* e gurus, pessoas que apenas podem me sugerir como me posicionar na agitação de minha vida profissional, social e particular? Melhor admitir que, em algum ponto de minha busca, que durou a vida



inteira, fiquei encalhado. E que já não posso fazer o que quer que seja senão me perguntar: O que me ocupou tanto, todo esse tempo, para eu não conseguir ouvir minha própria voz interior? Como fiquei tão desatento a mim mesmo enquanto a resposta estava na minha frente ou até mesmo ecoava dentro de mim?

AMPLIAR FRONTEIRAS, ABOLIR LIMITES Mesmo assim, todo esse esforço infrutífero não foi em

vão, pois todas as ampliações de fronteiras terrenas contribuíram para que eu me confrontasse com meus próprios limites terrenos. Existiria outro meio de eu enxergar que o Outro, o Deus em mim, estava tentando ampliar meus próprios limites? Ele sempre esteve tão próximo e amoroso! Afinal, Ele não conhece limites, pois é o Amor Ilimitado e quer me incluir em uma nova rede de comunicação, que me proporcionará um conhecimento ilimitado, inesgotável e infinito. ♡

a viagem de mantao II

C.M. CHRISTIAN

Depois de caminhar muito por um vasto país, vimos um rochedo alto e solitário à nossa frente. A seus pés estava uma mulher centenária, sentada à sombra, perto de uma límpida fonte prateada. Eu a saudei silenciosamente, com reverência. Seu olhar atento me fixou. Logo ela fez aparecer um cálice, encheu-o com água da fonte e disse:

“Quem atingir o fundo deve se elevar ao alto. Quem se crê elevado deve se curvar para baixo. Quem está suspenso à roda torna-se prisioneiro do tempo. Quem tenta chegar ao centro encontra a eternidade”.

Então ela me estendeu o cálice, dizendo:

“Agora beba, querido, esvazie-o completamente. Beba. E que a água da vida o santifique!

Apague toda ilusão.

Sacie toda sede.

Abra caminho para a Luz!

Volte à sua pátria original: siga em direção a Deus!”

“Obrigado”, respondi. E bebi profundamente da água da fonte milagrosa, que imediatamente refrescou meu coração, reanimou meus pensamentos e fortaleceu meu corpo cansado. Meu companheiro de viagem também saciou sua sede. “Guarde o cálice!” disse a senhora. “E cuide bem dele. Use-o para saciar-se quando sentir sede de um desejo puro: é desse anseio que você tirará sua força. Mantenha sempre sua coragem e agora vá, com a bênção de Deus.” Cheio de gratidão e alegria, aceitei o presente

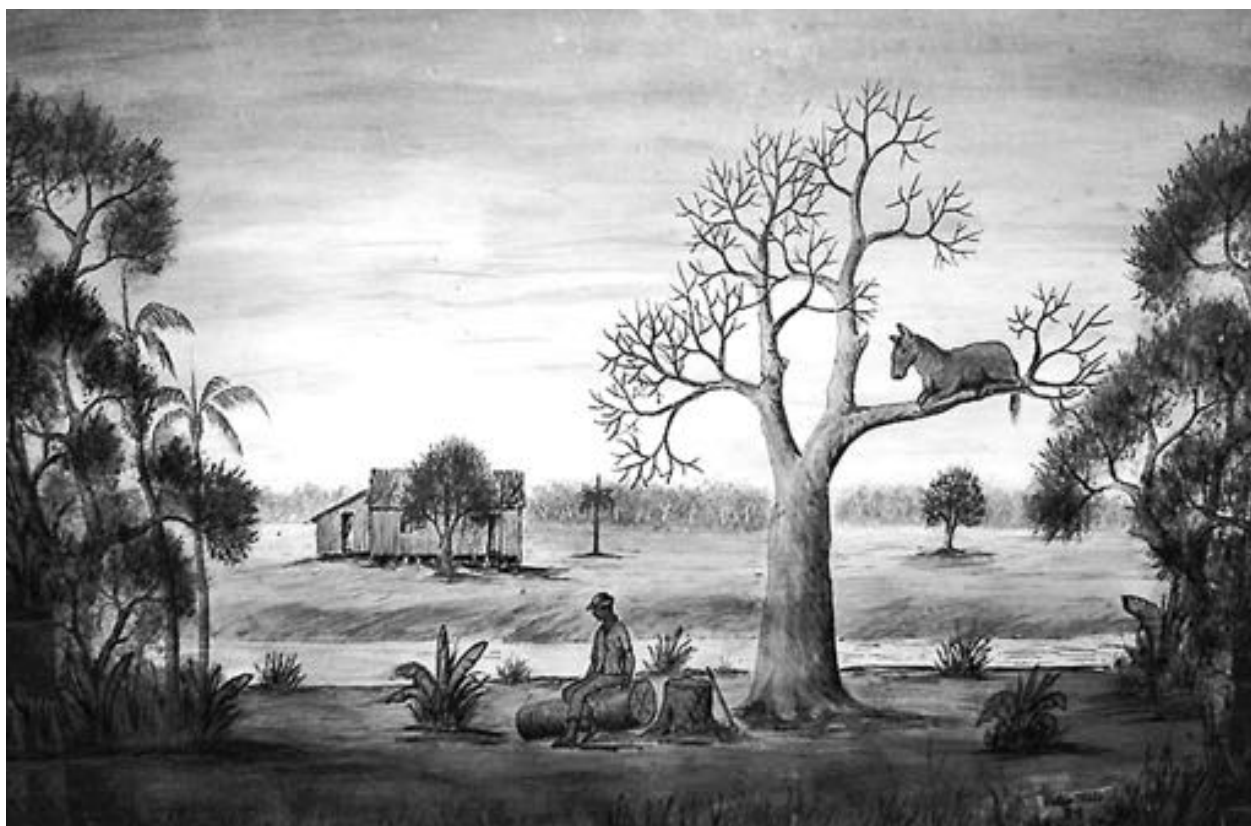
e continuamos nossa viagem para o Oriente. Pouco depois, alcançamos altas montanhas, com desfiladeiros íngremes, cachoeiras e numerosas cavernas. Nós as escalamos, atravessando caminhos difíceis e esquecidos, até alcançarmos uma cavidade, onde paramos para descansar à sombra, exaustos e fracos. Então ouvimos uma voz estranha e lamentosa, vinda do fundo da cavidade. Mas estávamos cansados demais para procurar de onde ela poderia ter vindo. Íamos descansar quando surgiu de um salto um pequeno gnomo que saiu do mato com rosto sombrio. Furtivamente, ele ia reunindo, em um grande jarro, joias e antigas moedas de ouro que tirou de um esconderijo na rocha. Com muito esforço, puxou o jarro e o arrastou até um arbusto. “Posso ajudá-lo?”, gritei. Imediatamente o homenzinho disse com raiva: “Só ladrõezinhos vêm aqui roubar meus pertences! Ande! Dê o fora daqui! Senão, vai conhecer a força de meu punho!”.

“Calma!”, respondi. “Seu ouro não nos interessa! Ele é muito duro para nós e não tem brilho. Estamos em busca de um tesouro muito maior, que para você nada representa”.

Então, o gnomo coçou a orelha e deu dois passos em nossa direção. Seus olhos brilhavam de cobiça. “Estão falando da Pedra dos Sábios? Essa eu conheço bem”.

“Por ouvir dizer, todo mundo a conhece bem”, respondi, rindo. “Mas quem quer realmente encontrá-la precisa abandonar todo o ouro e poder que possui.”

Então o gnomo esticou e encolheu seus braços



e pernas e, em um tom de desprezo, exclamou: “Tudo isso é uma grande bobagem! Não acredito em uma só palavra!”

De repente, ouviram-se os gemidos novamente. Comecei a refletir e chamei: “Ei, gnomo! Diga-me uma coisa. Que são esses gemidos vindos da caverna?”

“Que você tem a ver com isso?” replicou ele, “e mesmo que se tratasse de cem mil almas, isso não lhe diria respeito!” Assim falando, ele

desapareceu nos arbustos, muito irritado, pisoteando o chão com seus cascos brancos. Ao ver seus pés de cabra, suspeitei o que estava acontecendo na caverna. E um profundo sentimento de piedade me conduziu até o interior da gruta. Estava tão escuro lá dentro que eu não podia ver quase nada. Pareceu-me distinguir, no brilho tremulante das brasas profundamente enterradas na caverna, uma grande rede em que milhares de pássaros estavam lamentavelmente enredados.

Obedecendo minha voz interior, busquei amparo no cálice e, para minha grande alegria, nele ainda encontrei algumas gotas, que deixei escorrerem naquele inferno ardente. Depois disso, fui embora com meu burrinho. Durante muito tempo soaram em nossos ouvidos murmúrios, gemidos e ruídos agitados. Quando chegamos ao topo da montanha, ouvimos, vindos de nuvens cinzentas cheias de fumaça, batidas selvagens de asas e gritos ardentes de uma infinidade de pássaros, negros como carvão. As pobres almas foram libertadas daquela rede infernal! Será que agora elas iriam escolher o céu?

Muitos dias haviam se passado desde que começáramos a subida, guiados pelo sol, pela lua e as estrelas. Subíamos cada vez mais alto nas montanhas, de onde, cinza e enevoadado, estendia-se amplamente o horizonte. Finalmente, chegamos a uma planície que parecia interminável, cinza, nua e deserta. O sol, irritado, ali derramava seu fogo. Não havia plantas, animais ou homens. Apenas uma larga vala, sinistra e desértica, atravessava uma imensa faixa de areia. Inúmeros esqueletos lá estavam espalhados. Pareciam ser de peixes e animais marinhos e brilhavam ao calor do meio-dia.

Foi então que, na lama solidificada, encontramos um velho barco. Eu não podia acreditar em meus olhos quando lá avistei, sentada, uma frágil, delicada e confiante criaturinha. De mãos abertas, ela me dirigiu a palavra, olhando-me nos olhos:

“É realmente muito bom você ter vindo! A grande Mulher da Fornalha bebeu todo nosso rio e queimou nosso país! Só eu sobrevivi e estou esperando um milagre. Você pode me ajudar?”

Esse ser de olhar límpido e fala clara que nos recebeu naquele lugar seria uma criança, uma visão de sonho, uma quimera, um extraterrestre? Eu não sabia. Quem poderia realizar o milagre

que ela esperava? Eu não podia! No entanto, meu anseio me fez vencer essa prova e, num ato puro, quebrar o feitiço da grande Mulher da Fornalha. De repente, me lembrei de meu cálice! Timidamente, o fiz surgir e comecei a cantar baixinho para mim mesmo:

“Ó Tu, fonte da verdade,
rio da vida, fonte de amor,
vinho que faz milagres!
Quem anseia por ti,
quem vive contigo, não implora em vão!
Quebra o poder do velho fogo e enche
o cálice com Tua força!”

E assim cantei, com todo o meu coração.

Quando a noite caiu, o cálice estava cheio até a boca. Fui embora, para derramar a água da vida por todo o país. E por onde as gotas iam caindo na areia tudo germinava e crescia. Mas aconteceu algo ainda mais incrível: meu canto rompeu o feitiço da Mulher da Fornalha e ela se arrependeu! Das pedras, começaram a escorrer lágrimas, que primeiro se reuniram em pequenos córregos e depois em riachos. Até o céu formou nuvens e derramou seu pranto.

O milagre tinha se tornado realidade! A vala se encheu. O riacho virou um rio que alegrou o país e por toda parte brotava uma vida nova. Mas onde foi parar a criança? Nós a procuramos por muito tempo, meu amigo cinzento e eu, mas não a reencontramos. Mas, perto do velho barco, havia nascido uma flor com sete pétalas, clara e pura como a neve, perfumada e aveludada. Era seu vestígio...

Colhi a flor e agora levo-a em meu peito para sempre, como um segredo. ✪

Continua na próxima edição

* A história da viagem de Mantao é uma adaptação em prosa do livro *Die Reise des Mantao - Ein Perlenlied der Gegenwart*, (A história de Mantao, a Canção da Pérola da atualidade) de C.M. Christian, direitos reservados para a Editora Rosacruz alemã, 1994



Terceiro vale, Ma'rifat

O vale do conhecimento: estar atento ao próprio coração

Diz-se que algumas pessoas estão destinadas a conhecer Deus e algumas estão destinadas a conhecer Deus e seus caminhos. Quem realmente quer dedicar-se a servir primeiro tem de conhecer os caminhos de Deus, isto é, as leis divinas do universo. Devemos reconhecer quem somos e o que temos de fazer aqui. Precisamos desse conhecimento para nos ajudar mutuamente e a todo o planeta. Adentramos no vale do conhecimento quando nos damos conta de que nada sabemos. Nesse vale existe o perigo de tentarmos explicar a situação intelectualmente, mas nosso intelecto só pode viver em um mundo de comparações. O verdadeiro conhecimento está além das comparações. Ele não pode ser aprendido em livros e não consiste só de informações suplementares. Chegamos à dimensão do verdadeiro conhecimento quando deixamos de lado nosso intelecto e nos abrimos para a verdade.

podemos explorar o que ainda não existe?

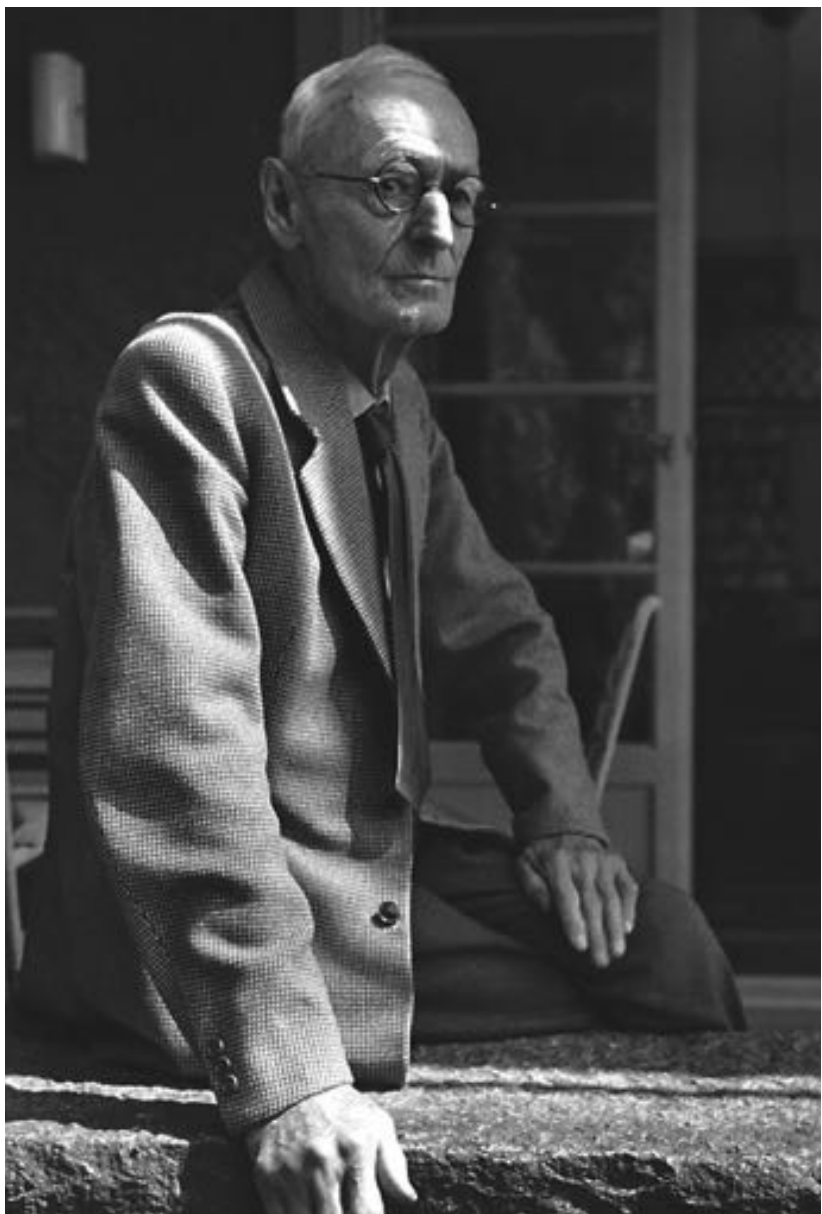
Cada vez mais limitados pelo espaço e tempo e presos à inércia da matéria, comunicamo-nos, em tempo real, via skype, facebook ou twitter, na esperança de, pelo menos, responder ao nosso profundo anseio de já não seguir o longo e cansativo caminho da natureza, e sim o cintilante caminho das estrelas.

É possível explorar o que ainda não existe? Seria possível ampliar as promessas de nossa época para além de todos os limites atuais? Nossa mais elevada potencialidade não é precisamente a de renascer em um novo campo de vida? Então já não seríamos mortais, porém "recém-nascidos" segundo a ordem original.

Será que temos consciência de nos encontrarmos em *status nascendi* (um estado nascente), em um estado pré-natal embrionário, nós e todos os cidadãos do mundo, deste mundo que tem tanta dificuldade para abandonar todos os clichês, as ideias ultrapassadas e que, por isso, sofre as dores do parto?

Enquanto a nova terra nasce diante de nossos olhos, podemos desde já lhe dar as boas-vindas! Na qualidade de habitantes da fronteira, encontramos-nos na linha divisória entre o antigo e o novo tempo, de onde podemos divisar um universo completamente diferente, original. Trata-se ainda de uma imagem vaga, pouco definida, como projetada sobre um espelho embaçado.

Apesar de tudo, em breve... seremos os exploradores que vão à frente: os batedores que seguem o rastro, os pioneiros!





*Assim como toda flor fenece e toda mocidade
dá lugar à velhice e a vida floresce em todas as idades,
Também florescem no tempo certo
Toda sabedoria e toda virtude
e podem não durar para sempre.
O coração tem de estar pronto, a cada chamado da vida,
Para despedidas e recomeços,
Com coragem e sem lamentar-se,
Para criar novos laços com outros corações.
Em todos os começos reside uma força mágica
Que nos protege e nos ajuda a viver.
Deveríamos, alegres, passar de um espaço a outro
Sem nos apegarmos a nenhum como se fosse nossa pátria.
O Espírito do Mundo não nos quer cativos e limitados:
Quer nos elevar ao máximo, de degrau em degrau.
Mal nos habituamos a um novo estilo de vida
Somos ameaçados pela acomodação.
Só quem se dispõe a abandoná-la e seguir em frente
pode escapar à rotina paralisante.
É bem possível que a hora da morte ainda
Nos envie, jovens, para novos espaços
Para nós, o chamado da vida não tem fim...
Então, coração, despede-te e salva-te!*

Hermann Hesse

a redescoberta da gnosis IV

Quando o livro *Ecos da Gnosis* foi publicado em holandês, realizou-se uma palestra pública, em 6 de novembro de 2013, na livraria Pentagrama de Haarlem, na Holanda, com o título: “Por que George R.S. Mead pode ser chamado o primeiro gnóstico moderno?”. A seguir, exporemos a quarta parte dessa palestra, que traça a história da redescoberta da Gnosis.

Para o secretário da filial germano-húngara da Sociedade Teosófica, Rudolf Steiner, a “descoberta” do jovem Krishnamurti, tido como a reencarnação de Buda e os fatos ocorridos no Acampamento das Estrelas na província de Ommen, na Holanda constituíram uma ruptura: ele e um grande grupo se desligaram.

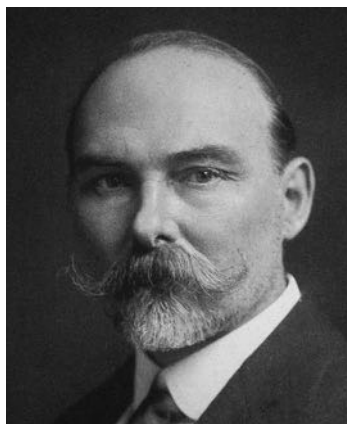
Steiner considerou o drama da salvação cristã um ponto central de sua Ciência Espiritual. Em sua cronologia esotérica, concluiu que toda a sabedoria oriental havia migrado para o Ocidente. Para ele, a fixação com o Oriente era uma regressão. Ele queria continuar construindo solidamente sua Antroposofia com base nos mistérios da Rosa-Cruz. Entretanto, em sua senda de iniciação interna, ficou parado no meio do caminho para evitar a perda de grande parte de antropósofos, pois convencera apenas metade deles ao demarcar o caminho iniciático, quando muitos estavam distraídos com inúmeras questões triviais. Isso lhe causou grande sofrimento, mas talvez tenha sido um erro persistir em acreditar, como os teósofos, em um caminho de experiências progressivo que seguisse as linhas de desenvolvimento da evolução cósmica. E mais: nesse ponto ele não seguiu a tendência dos gnósticos e neoplatônicos – até se opunha a eles. Estava mais de acordo com a linha do teólogo eclesiástico Tomás de Aquino e bebia da fonte de Aristóteles. Para eles, era muito importante estar em relação com o mundo, e isso parecia fazer falta ao estado de unidade mística. Hoje, fala-se que está na hora de essas duas correntes caminharem juntas: a Gnosis moderna pode demonstrar uma nova abertura.

Mas, voltando a Mead, precisamos nos indagar: como devemos situar o ex-secretário de H.P. Blavatsky em meio a todos esses acontecimentos tempestuosos? Não é incrível que em nenhum momento ele tenha se deixado influenciar pelas intrigas, mantendo-se sempre à distância? Ele permanecia afastado das preocupações administrativas e dos aspectos organizacionais.

Como uma testemunha privilegiada, ele deve ter observado de perto tudo o que estava sendo tramado, mas ficava nos bastidores e não se fazia notar. Mesmo na sucessão de H.P. Blavatsky e durante a disputa entre Annie Besant e William Quan Judge pela administração, Mead não tomou partido.

Entretanto, é preciso deixar claro que ele não pensava muito sobre isso, porque Judge já contava com o favorecimento dos *mahatmas*.

Em sua monumental biografia, Sylvia Cranston, que dá muita atenção a toda essa questão de sucessão, concede poucas frases ao secretário de H.P. Blavatsky, como se seu papel fosse ínfimo. E, no entanto, foi justamente Mead quem fez a oração no serviço fúnebre de Blavatsky, e isso, segundo a versão oficial, em razão da ausência de Annie Besant. Em uma súmula de jornal, Cranston retoma somente a menção de que “um jovem de traços refinados surgiu e teceu um discurso impressionante”, mas ela não menciona nada desse discurso de adeus tão memorável. Podemos supor que ela ficou desapontada por ver um jovem ser tão alheio a toda espécie de culto à personalidade da falecida. Para ele, o que importava era o espírito que está por detrás da aparência humana, para



GEORGE STOWE MEAD, O PRIMEIRO GNÓSTICO MODERNO

além da qual o trabalho segue sem descontinuidade.

Citemos Mead: “É verdade que a pessoa que conhecíamos sob o nome de H.P. Blavatsky já não se encontra ao nosso lado, mas também é verdade que esta grande e nobre individualidade ainda está e estará sempre viva – esta grande alma que nos ensinou a viver de maneira íntegra e desinteressada.”¹

Bem mais tarde, quando havia deixado a sociedade há tempos, afirmou mais explicitamente ainda que a Teosofia não devia sua existência ou seu desaparecimento à pessoa de H.P. Blavatsky: “Os fundamentos da Teosofia ainda são e serão sempre bem sólidos pela simples razão de que são absolutamente independentes de Blavatsky. Essa é a Teosofia que nos interessa e que se mantém como um rochedo imutável, dispensando-nos força e sustentação, uma inesgotável fonte de estudos, a mais nobre de todas as missões e o mais procurado de todos os caminhos em que podemos colocar nossos pés.”²

Até o fim ele continuou testemunhando seu reconhecimento por Helena Blavatsky, por ter sido ela quem o colocou no caminho espiritual. Evidentemente, Mead enxergava muito além. Em meio a todas essas turbulências, sua salvação foi ter dado atenção total ao modo como poderia colaborar com o trabalho teosófico, principalmente em termos de pesquisa – o que não significa que tenha deixado de olhar o que estava à sua volta. Com certeza não foi isso o que aconteceu, principalmente quando Annie Besant escolheu como dirigente e homem de confiança o contro-

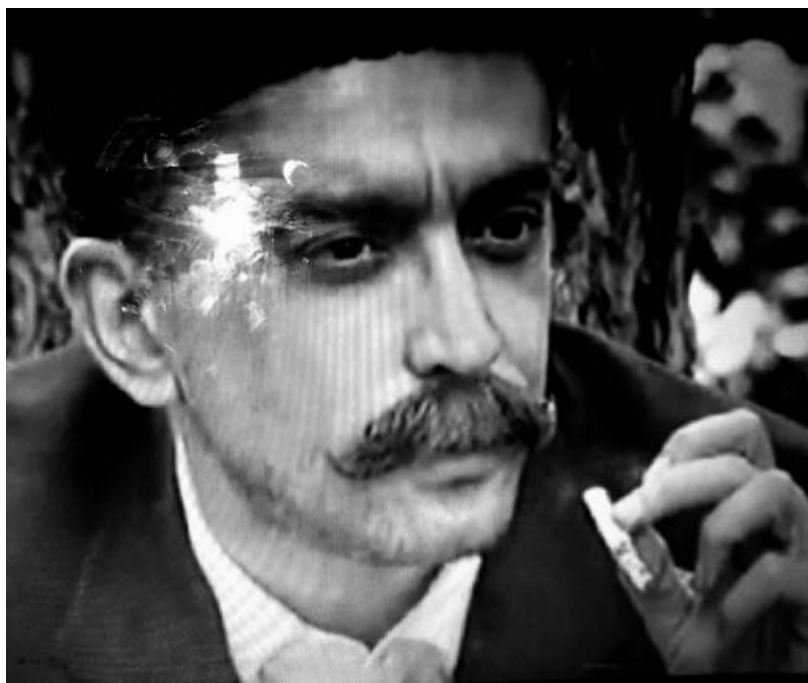
verso Leadbeater, que, depois de um escândalo, já havia sido excluído da Sociedade Teosófica. Desde então, ele ficou convencido de que era preciso guardar distância do que considerava experiências ocultistas promovidas na casa de Leadbeater. Um grupo de setecentos membros decidiu deixar a Sociedade Teosófica com ele, mesmo que em 1907 ele ainda tenha sido convidado para a presidência da filial europeia.

Isso foi em 1909, e, para Steiner, já estava claro que ele não poderia permanecer na Sociedade Teosófica, apesar de saber que isso seria necessário até 1913. Pelo que me disseram, os dois certamente devem ter se encontrado por ocasião do Terceiro Congresso da filial europeia da Sociedade Teosófica, que aconteceu em 1906, em Paris, em uma reunião onde Mead participou como orador – pelo menos de acordo com o relato feito por Steiner.

Ao deixar a Sociedade Teosófica, Mead preferiu não se opor abertamente a ela, nem formar um novo grupo dissidente. Ele não fez alarde nem caluniou ninguém. Dedicou-se a montar um novo projeto, com total discrição.

Esse projeto dizia respeito ao jornal *The Quest* (A Busca), cujo objetivo era a busca das fontes do esoterismo ocidental. Mead dedicou a ele toda a sua energia durante trinta anos de sua vida, e com que entusiasmo! Cada número continha um artigo de sua autoria e um fórum para colaborações das mais eminentes personalidades da época. Entre os colaboradores estavam G.I. Gurdjieff, o poeta Ezra Pound, o historiador Arthur Waite (já citado neste artigo e conhecido por sua obra histórica sobre

Depois de ter se afastado de Gurdjieff, Ouspensky realizou muitas palestras, no decorrer dos anos 1920 -1930, na casa de George Mead, que também servia de escritório para o jornal *The Quest* (A Busca)



G.I. Gurdjieff

os rosa-cruzes clássicos), Jessie Weston, famoso por seu estudo a respeito do Graal, o romancista Gustav Meyrinck, o poeta indiano Rabindranath Tagore, o poeta irlandês W.B. Yeats e Evelyn Underhill, que publicou um estudo fundamental e sempre muito apreciado sobre a mística. Também sabe-se que Ouspensky, aluno de Gurdjieff, utilizava salas do *The Quest* para suas palestras. Não por acaso um dos primeiros livros de Ouspensky tem o título de *Fragments de um ensinamento desconhecido*, inspirado no título do primeiro livro de Mead, *Fragments de uma fé esquecida*. Posteriormente, o livro de Ouspensky foi editado com o título *Em busca do miraculoso*. A própria *Quest Society* também organizava colóquios muito concorridos. Eles foram os precursores das conferências *Eranos*, que passaram a acontecer em Ascona, na casa da teósofa holandesa Olga Fröbe-Kapteyn. Quando falava sobre *The Quest*, Mead era sempre lírico, considerando uma busca que o levava cada vez mais longe. “Essa busca somente tem fim

quando descobrimos que ela é, para nós, o início e o fim de todas as coisas. Ela não somente nos leva à superfície das coisas como também às suas profundezas; não nos leva na direção da morte, mas da vida; não ao que é de ordem temporal, mas rumo à eternidade. Quaisquer que sejam as pistas de pesquisa empregadas, qualquer que seja o número de degraus pelos quais devemos passar ao longo de inúmeras sendas nas quais o que parece ser limitado sempre se revela um vir a ser, o resultado final jamais é atingido, pois sempre haverá algo mais, algo maior ou completamente diferente que o produz, ou a soma de cada uma das séries.”³

De fato: com seu jornal, Mead continuou o trabalho que havia iniciado como teósofo. Sempre se manteve alinhado com os primeiros tempos da Sociedade Teosófica. Essa linha, apresentada no programa inicial da Sociedade, dizia que, por meio do estudo é possível conciliar as sabedorias oriental e ocidental e evidenciar a convergência delas em nível mais profundo.



P.D. Ouspensky

No fundo, com base em sua experiência pessoal de que o impulso libertador dos primeiros tempos se tornara inoperante no movimento teosófico, Mead decidiu seguir seu próprio caminho em matéria de estudos. A consciência de que outra tarefa o aguardava obrigou-o a libertar-se de todos os laços inadequados. Ele se sentia chamado a responder a uma missão bem superior, que dizia respeito à mais elevada verdade. Essa missão consistia em tornar mais acessíveis as fontes do esoterismo ocidental e fornecer um conhecimento correto com relação à origem e à essência do cristianismo.

Mead dedicou todas as suas forças a esse trabalho de construção de uma estrutura subjacente: um trabalho extremamente apropriado para esse

obreiro infatigável. Poderíamos dizer que ele estava predestinado a realizar essa tarefa. Depois de completar seus estudos clássicos em Cambridge e de um pós-doutorado em orientalismo em Oxford, Mead estava em seu ápice, totalmente preparado para dar conta da filosofia perene – a sabedoria eterna, transmitida desde o início dos tempos. Ele jamais trabalhou em detrimento da objetividade e de uma argumentação científica, apesar de sua evidente simpatia pelos gnósticos, cujas visões descrevia com grande devoção e profundo respeito. Ele sempre saiu em sua defesa, contra as acusações dos Pais da Igreja, como Irineu, Tertuliano, Hipólito e Epifânio. Quanto a Irineu e suas acusações contra os carpocracianos (seguidores do gnóstico Carpócrates, no século II), ele afirmou: “A estupidez do bispo de Lyon é o resultado de suas pressuposições totalmente falsas, enquanto até para um noviço que estuda o gnosticismo as coisas são claras como o dia”.⁴

Com seu jeito humilde e pessoal, ele escreveu uma obra considerável que diz muito a seu respeito: muito mais do que seus raros dados biográficos. Ele começou essa obra no tempo em que era secretário de H.P. Blavatsky e continuou a escrevê-la depois que ela morreu, quando precisou responder pela publicação de diversas obras, como *A Chave da Teosofia* e *A Voz do Silêncio*. ✪

Continua na próxima edição

NOTAS

1. cit. *Introduction to G.R.S. Mead and the Gnostic Quest* (Introdução G.R.S. Mead e a busca do Santo Graal), de Claire e Nicholas Goodrick-Clarke, p. 3
2. G.R.S. Mead, Concerning H.P.B. (referente a H.P.B.), in: *The Theosophical Review*, 1904, p. 141-144
3. cit. G.R.S. Mead and the Gnosis, de R. Gilbert, in: *G.R.S. Mead, Echos from the Gnosis* (G.R.S. Mead, Ecos da Gnosis), p. xix
4. G.R.S. Mead, *Fragments*, p. 282



O quarto vale, Istigna

O vale do desaparego: libertar-se do medo e do desejo

À medida que abandonamos todas as nossas convicções, acessamos o vale do desaparego. No entanto, entrar é sem dúvida o passo mais difícil de todos. Ele exige que estejamos dispostos a deixar para trás todos os conhecimentos e experiências que nos levaram até esse ponto. Estamos sós para ir ao encontro do desconhecido. Essa fase fornece um número incontável de mudanças extraordinárias, pois o fato de nos deixarmos levar pelos desejos e velhos conceitos aniquila a força de coesão. O vale do desaparego representa um vácuo para nós: lá já não existem indicações nem pontos de apoio. É nele que nasce a mudança. As coisas com que estávamos comprometidos há anos se dissolvem, desaparecem.

Mas acontece que nos sentimos muito sozinhos, até mesmo abandonados. Esta é a armadilha: o fosso onde corremos o risco de cair durante nossa travessia nesse vale. Sentimos uma sensação de abandono porque o “dois” avança em direção ao “Um”, para que a separação entre “meu eu” e “minha experiência” se dissolva. Em outras palavras, a experiência deixa cada vez menos lugar para o eu. Pode acontecer que nos sintamos tão perdidos a ponto de voltar ao primeiro vale, onde poderemos, então, tomar outro rumo. Por outro lado, se estamos construindo com base na perseverança, conseguiremos atravessar esse vale e passar para o próximo, que é o vale da unidade.



O quinto vale, Tauhid

O vale da unidade: libertar-se da dualidade e do eu

Somente entraremos no vale da unidade quando tudo com que nos identificávamos tiver sido dissolvido. Depois do vale do desapego, entramos em um mundo que está despertando. Nossos olhos recobram a visão e percebemos a unidade do Todo. Para onde quer que nos voltemos, só existe o Ser único. Nesse vale, estamos com o pé bem na terra. Sobre isso, Rumi disse: “Eu sei que os dois mundos são Um”. Nesse vale da unidade não há nenhuma separação real entre o interior e o exterior: percebemos que tudo surge no momento presente.



○ sexto vale, Hairat

○ vale da perplexidade: atravessar o deserto bravio da dor, tristeza, perda, ruína

Tudo o que precede nos conduz à descoberta do vale da perplexidade. Vemos todas as coisas como elas são. Somos capazes de ver até mesmo a causa de fundo de todas as causas. E mais: vemos que qualquer causa contém em si seu efeito e que todo efeito é causa da consequência. A causa da árvore é o fruto; o fruto contém potencialmente a semente para uma outra geração. É dito que o homem perfeito é a causa de todo o conjunto da criação. Nesse vale da perplexidade, vemos as coisas em seu vir a ser. Aprendemos que, neste mundo da relatividade, não há criação, mas apenas o vir a ser. Aqui, o essencial é glorificarmos a Deus. Somos advertidos de que, ao vivenciar Deus como o que está acima de tudo, esquecemos de que Deus está em tudo, em toda parte e sempre. Aqui, corremos o risco de perder o controle de nossa vida diária. Por essa razão, precisamos seguir sérias regras de conduta de uma escola, de um instrutor ou de um guia, pois a próxima etapa nos colocará sobre o fio da navalha. Não podemos perder de vista nossas responsabilidades terrenas. Ao atravessar esse vale da perplexidade glorificando a Deus em sua criação, finalmente alcançaremos o sétimo vale, o vale da realização divina.



○ sétimo vale, Facr-fana

○ vale da carência e destruição (“fana”): a unidade

Quando chegamos a esse ponto, estamos conscientes da nossa unidade com Deus. Percebemos que sempre fomos Um com Ele, e que a aparente separação entre nós e o absoluto era apenas uma ilusão. Aqui, todo ato é um ato de Deus, todo ser é um ser divino. Superamos a experiência do limite e da separatividade: a gota é novamente absorvida pelo oceano – ou, melhor ainda: o oceano está na gota. Todas as ilusões se foram, já não há nada que não seja Deus. Somente permanece a Luz da pura Inteligência. O verdadeiro gnóstico acaba de nascer.

Podemos explorar o que ainda não existe?
Afinal, o mais elevado poder do homem não é
compreender que ele pode renascer em novas
circunstâncias através da vontade, do desejo, do
esforço e da graça? Dessa maneira, já não somos seres
humanos mortais, mas, homens em vias de nascer,
para utilizar a linguagem poética de Hermann Hesse:

*É bem possível que a hora da morte ainda
Nos envie, jovens, para novos espaços
Para nós, o chamado da vida não tem fim...
Então, coração, despede-te e salva-te!*

